



A PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS NO FÚTEBOL FEMININO NA UNIFAP: MOTIVAÇÕES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES

LA PARTICIPACIÓN DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIAS EN EL FÚTBOL FEMENINO EN UNIFAP: MOTIVACIONES, DESAFÍOS Y OPORTUNIDADES

THE PARTICIPATION OF FEMALE UNIVERSITY STUDENTS IN FOOTBALL AT UNIFAP: MOTIVATIONS, CHALLENGES, AND OPPORTUNITIES

Gustavo Maneschy Montenegro ¹

João Carlos Silva Guimarães ²

Resumo:

Esta pesquisa identifica os interesses e as dificuldades enfrentadas por mulheres praticantes de futebol na cidade de Macapá/AP. Participaram do estudo 17 alunas integrantes do time de futsal feminino da Universidade Federal do Amapá. Combinamos a pesquisa bibliográfica com análise de um questionário virtual, aplicado por meio da plataforma *Google Forms*. Os interesses mais indicados foram “praticar exercício e saúde” e “participar de competições esportivas”. As dificuldades mais relatadas foram: “falta de local/espço apropriado para treinar” e “falta de tempo para treinar por conta dos estudos”. Identificamos que a escola foi o principal local para a inserção destas mulheres no futebol, o que ressalta o papel desta instituição para o questionamento e tensionamentos das diversas maneiras de desigualdades. A pesquisa mostrou que os obstáculos não impedem o avanço da presença feminina na modalidade, local em que elas vêm ocupando os espaços desejados, por meio de resistências e resiliências.

Palavras-chave: futebol feminino; mulheres; escola; gênero.

Abstract:

This research shows the interests and difficulties of women who play soccer in the city of Macapá/AP. 17 students who were members of the women's futsal team at the Federal University of Amapá participated in the study. We combined bibliographic research with the analysis of a virtual questionnaire completed via the Google Forms

¹ Doutor em Estudos do Lazer (UFMG). Docente do Curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Universidade Federal do Amapá – UNIFAP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0807-6280>. E-mail: gustavo@unifap.br.

² Graduando em Educação Física (Universidade Federal do Amapá – UNIFAP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3361-7053>. E-mail: joaodarksoulls@gmail.com.

platform. The most common interests were “exercise and health” and “participation in sports competitions”. The most frequently mentioned difficulties were “lack of a suitable place/room to train/exercise” and “lack of time to train/exercise due to studies”. We found that school was the most important place for these women to get into soccer, highlighting the role of this institution in questioning and challenging the various forms of inequalities. The research has shown that barriers do not hinder women's progression in sport, where they occupy the desired spaces through resistance and resilience

Keywords: women's soccer; women; school; gender.

Resumen:

Esta investigación identifica los intereses y dificultades que enfrentan las mujeres que juegan al fútbol en la ciudad de Macapá/AP. Participaron del estudio 17 estudiantes integrantes del equipo de fútbol sala femenino de la Universidad Federal de Amapá. Combinamos la investigación bibliográfica con el análisis de un cuestionario virtual, aplicado a través de la plataforma Google Forms. Los intereses más comunes eran “practicar ejercicio y salud” y “participar en competiciones deportivas”. Las dificultades más reportadas fueron: “falta de lugar/espacio apropiado para capacitarse” y “falta de tiempo para capacitarse debido a los estudios”. Identificamos que la escuela fue el principal lugar de ingreso de estas mujeres al fútbol, lo que resalta el papel de esta institución en el cuestionamiento y desafío de las diversas formas de desigualdades. La investigación demostró que los obstáculos no impiden el avance de la presencia femenina en el deporte, lugar donde vienen ocupando los espacios deseados, a través de la resistencia y la resiliencia.

Palabras clave: fútbol femenino; mujer; escuela; género

Introdução

O futebol feminino vem alçando maior destaque, seja na elaboração de estudos e também no acesso/permanência das mulheres do que diz respeito à prática dessa modalidade esportiva. Embora este avanço seja uma realidade, o futebol feminino ainda carece de maiores investimentos e também visibilidade. Portanto, o protagonismo das mulheres no futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu, mas, sim, fruto de insurgências, resiliências e resistências por parte delas.

O futebol no Brasil representa uma prática cultural de identidade nacional. Todos, todas e todes, de alguma maneira, em algum momento de suas vidas, são afetados pelo futebol, seja quando o time da cidade joga, em finais de campeonatos transmitidos pela televisão e/ou na Copa do Mundo. Assim, é muito provável que cada pessoa tenha alguma história para contar sobre esse esporte, seja evidenciando fatos positivos ou negativos, mas o fato é que o futebol, dificilmente, passa despercebido por nossas vidas.

Todavia, a formação futebolística brasileira não foi construída ausente de tensões, conflitos e exclusões, sobretudo no quesito classe social, raça e gênero. Ao “chegar” ao Brasil, em finais do século XIX e início do século XX, o futebol teve um forte apelo classista, sendo as pessoas das classes populares e negras tolhidas dessa prática. Como alternativa para jogar o esporte que caía no gosto popular, em muitos contextos, sobraram a elas as trilhas da “clandestinidade” e improvisações em ruas, terrenos e quintais.

Com relação às mulheres, alvo deste estudo, não foi diferente, vez que sofreram/sofrem restrições e proibições para praticar futebol. Como indica Goellner (2021), desde que o futebol foi criado, as mulheres, em diferentes tempos e contextos sociais, precisaram disputar poderes para nele adentrar e, ao fazê-lo, desconstruíram representações que, assentadas na biologia do corpo e do sexo, justificavam o caráter exótico, espetacular e impróprio atribuído à sua prática.

Entre os anos de 1930 e 1940, vários discursos de viés biologicista vieram à tona com o intuito de proibir a prática futebolística das mulheres. Baseando-se em pensamentos de que o futebol era contra a “natureza” feminina e de que poderia “comprometer funções reprodutivas”, sendo, portanto, uma ameaça à condução de uma maternidade sadia, essa modalidade foi oficialmente impedida às mulheres em 1941. Entretanto, por trás desses argumentos, estava o caráter fortemente machista e patriarcal da sociedade, que se incomodava com a ocupação dos espaços públicos e a decisão do uso do próprio corpo pelas mulheres (Goellner, 2021; Franzini, 2005).

Essa modalidade foi durante muito tempo proibida para as mulheres, seja em uma perspectiva cultural e/ou oficial. A partir de uma lógica deturpada e estereotipada do que é masculino e feminino, o futebol, por imprimir força, vigor, confronto, foi considerado como mais afeito ao homem. Isso retrata as marcas de uma sociedade que historicamente se baseou pelo entendimento de que “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”. Entretanto, aos poucos, temos rompido e transformado essa concepção

Vale ressaltar que a proibição da prática de futebol pelas mulheres não foi aceita sem questionamentos. As mulheres resistiram e continuaram jogando, mesmo que no contexto da “clandestinidade”, por meio de práticas recreativas e em espaços esportivos não oficiais. Isso ressalta que a trajetória das mulheres no futebol foi, e é, uma construção cheia de resistências e vitórias. Porém, é importante reconhecer que a proibição oficial freou o desenvolvimento da modalidade, coibindo de modo profundo a sua propagação (Goellner, 2021).

O fim da proibição oficial para a participação das mulheres no futebol encerrou em 1979. Segundo Goellner (2021), a partir dos anos de 1980, houve autorizações oficiais para a prática de futebol feminino, ocorrendo, assim, os primeiros jogos oficiais e campeonatos organizados por federações. Segundo a autora, em várias regiões do país, emergiram competições autorizadas. Em 1983, foram realizados campeonatos no Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Sergipe, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, Bahia, Goiás. Nesse mesmo ano, ocorreu a primeira competição nacional, que foi a Taça Brasil de Futebol Feminino, de cuja competição disputaram quatro equipes (Goellner, 2021).

Embora ainda saibamos que o futebol feminino no Brasil precise avançar, seja em termos de acesso/permanência, difusão de clubes e campeonatos, bem como no viés da profissionalização, é notório que avanços no futebol feminino têm sido dados. Dentre esses avanços, é possível citar a realização de campeonatos de futebol feminino de maneira mais constante, como veiculado pela mídia; ações institucionais, como a da Federação Internacional de Futebol (FIFA) que, em 2016, definiu, como um de seus pilares estratégicos, o futebol feminino e a da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), que, em 2019, determinou que os clubes devem ter times de mulheres, do contrário, os times masculinos estão impedidos de participar de campeonatos sul-americanos.

Além dos avanços supracitados, também se podem destacar resultados significativos: a seleção feminina foi medalha de bronze na Copa do Mundo dos Estados Unidos em 1999; em 2004 e 2008, a seleção feminina de futebol conquistou medalha de prata nos jogos olímpicos; a vitória por seis anos consecutivos da seleção brasileira de futsal no Torneio Mundial de Futsal Feminino (2010-2015); o reconhecimento da jogadora Marta como a melhor jogadora do mundo (2006-2011); em 2019, o vice-campeonato da primeira edição da Copa do Mundo Universitário de Futebol Feminino, na China.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender a presença das mulheres no futebol, passando pela discussão das motivações, barreiras e espaços/locais que garantiram sua presença na modalidade, pois se trata de uma vivência que ainda imprime uma série de dificuldades, como as desigualdades de gênero, falta de oportunidades e limitação de espaços para prática esportiva.

O intuito do nosso trabalho é problematizar estruturas hegemônicas do conhecimento que moldaram o futebol feminino ao longo do tempo, desconstruindo padrões patriarcais e machistas que balizaram a formação futebolística no país. Para tanto, é necessária uma leitura interdisciplinar, que estabeleça uma interseção entre gênero, classe e raça, para se promover o debate e a desconstrução de hierarquias impostas pelo capitalismo colonial, o qual promove subalternidades e exclusões sociais, que no caso deste trabalho, consolida-se pela exclusão da mulher no acesso ao futebol.

O presente texto apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com estudantes universitárias que participam do time de futsal feminino da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Fazem parte desse coletivo 17 mulheres. Esse grupo também é responsável pela participação da UNIFAP em competições esportivas universitárias, seja no âmbito estadual ou nacional. Assim, as questões centrais que orientaram a investigação foram: quais os interesses para praticar futebol? Quais dificuldades são apontadas para a permanência no futebol? Além dessas, procuramos também responder: quais espaços/locais tiveram importância para inserir essas mulheres na prática futebolística? Qual pessoa/agente social teve mais importância para iniciação das alunas no futebol?

Por fim, destaca-se que esta pesquisa possui relevância acadêmica e social. A primeira, pois ainda são escassos trabalhos científicos sobre o tema na realidade amapaense local, e a segunda se consolida na medida em que o estudo provoca um movimento de reflexão/ação sobre diversos contextos sociais característicos do esporte/lazer, como, por exemplo, questionar as desigualdades de acesso ao esporte/lazer vividos por homens e

mulheres, propondo, assim, o desenvolvimento de políticas capazes de atenuar injustiças sociais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta de dados ocorreu através da aplicação de um questionário virtual por meio da plataforma *Google Forms*. Para tanto, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa – COEP da Universidade Federal do Amapá. O estudo foi aprovado pelo parecer CAEE: 40798020.4.0000.0003. Após sua aprovação, foi feita a aproximação com as partícipes do estudo. Os critérios para inclusão foram: 1 – estar participando do time de futsal feminino da UNIFAP; 2 – livre interesse em participar da pesquisa. As alunas foram informadas que se tratava de uma pesquisa científica, que seus nomes permanecerão em sigilo e que as informações produzidas seriam utilizadas apenas para fins acadêmicos. Atualmente, compõe o time de futsal unifapiano 17 alunas e todas aceitaram participar do estudo.

O questionário foi dividido em dois eixos de perguntas. O primeiro continha as seguintes indagações: quais locais foram mais importantes para a sua inserção no futebol? Que pessoa você considera que mais a incentivou para praticar futebol? O segundo eixo apresentava as seguintes questões: você enfrenta/enfrentou alguma das dificuldades listadas abaixo para jogar futebol? Quais das alternativas abaixo mais descrevem a sua motivação para jogar futebol na UNIFAP? Após a elaboração do questionário, foi gerado um *link* de acesso, o qual foi encaminhado ao grupo de *WhatsApp* de que participam apenas as alunas que compõem a equipe. Foi solicitado também que as jogadoras não o compartilhassem com nenhuma pessoa de fora do grupo.

É importante ressaltar que todas as 17 alunas que participam da equipe de futsal estavam inseridas neste grupo de *WhatsApp*, sendo que obtivemos uma taxa de 100% de retorno das respostas. A escolha do recorte da pesquisa ser as praticantes da UNIFAP, ocorreu em função do nosso envolvimento com a seara universitária, tanto no contexto da docência, do desenvolvimento de projetos de pesquisa/extensão e de ações no âmbito da Iniciação Científica.

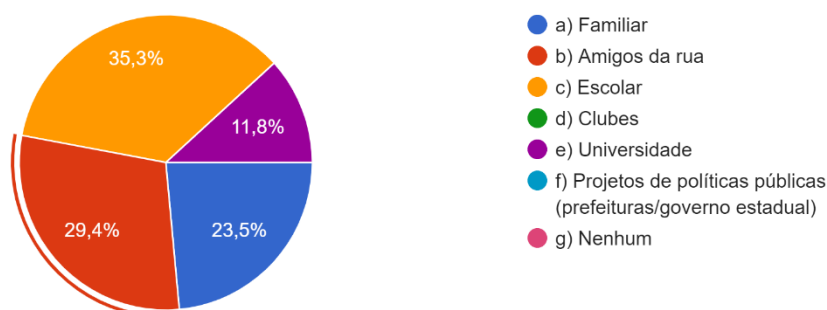
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciamos o questionário apresentando a seguinte questão: qual dos locais/ambientes abaixo você considera que foi mais importante para a sua inserção no futebol?

Gráfico 1: Referente ao local/ambiente de maior importância para inserção no futebol

Qual dos locais/ambiente abaixo você considera que foi mais importante para a sua inserção do Futsal?

17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Como se pode observar, a escola foi indicada como o local que maior relevância teve para a inserção das alunas no futebol, mencionada por 35,3% das participantes. Para Souza *et al.*, (2020), a escola é um espaço propício para se debaterem diversos assuntos, um dos quais seria a prática do futsal feminino escolar, que se encontra repleto de preconceitos e sexismo. Historicamente, ao que se refere à mulher no esporte, sempre foram visíveis as dificuldades encontradas para se estabelecerem, embora já seja significativo o espaço adquirido pelo sexo feminino em diversas práticas esportivas. Não seria diferente com o futebol, modalidade vista como exclusiva dos homens, na qual é possível perceber a evolução da participação das mulheres. Para esses/as autores e autoras, a escola mostra-se como um dos pontos de partida nesse aumento.

Ainda que a prática de futebol pelas mulheres esteja em expansão, é importante ressaltar as dificuldades que elas ainda têm em acessar este esporte (Goellner, 2005). As desigualdades sociais, os estereótipos e as ofensas sofridas pelas mulheres são intensas e limitam a participação nos espaços esportivos (Furquim *et al.*, 2021). Dessa maneira, as instituições, como a escola e as universidades, bem como as políticas públicas, devem atuar para questionar barreiras socioculturais impostas às mulheres, garantindo, assim, as diferentes formas de ser, agir e de pensar.

Apesar de a escola ser apontada como um importante local para inserção das meninas no futebol, isso não significa que esse processo esteja ausente de tensões, como retratam Maffei, Verardi e Carvalho (2019). Os autores realizaram uma investigação, na qual discutiram o interesse pela prática do futebol feminino nas aulas de Educação Física, em escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo-SP. De modo geral, foi indicado que 70% das participantes da pesquisa passaram por experiências com o esporte na escola, embora os sentimentos das alunas, em relação ao futebol, sejam polarizados.

Um grupo de alunas demonstrou aderência e interesse pela modalidade, construindo sentimentos positivos em relação ao futebol. Já outro grupo demonstrou não adesão ao esporte, sendo que os motivos alegados pelo desinteresse se relacionam com os atritos e

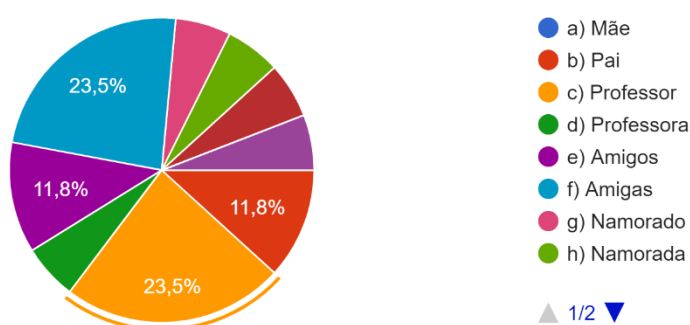
os impedimentos por parte dos meninos, bem como a falta de colegas praticantes para jogarem juntas.

A despeito de termos observado outros espaços/ambientes de importância para a inserção das mulheres no futebol, tais como a família, os amigos e a universidade, para esse grupo que investigamos, a escola foi o principal local de acesso à prática do futebol. Ainda que exista um paradigma presente na prática do futebol feminino, que historicamente traz uma bagagem preconceituosa, entendemos que a escola, como um local com potencial anticolonial, possibilita transgressões dos sistemas de dominação, como o sexismo (hooks, 2017).

Na sequência, indagamos as participantes sobre qual pessoa/agente social elas consideraram que mais as tinha incentivado para praticar futebol. Como é possível observar no gráfico 2, a opção “professor” e “amigas” foram as mais mencionadas, ambas com 23,5% das respostas.

Gráfico 2: pessoa/agente social que mais incentivou a praticar futebol

Qual das pessoas abaixo você considera que mais lhe incentivou para a prática do futsal?
17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

A ação docente tem a finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se, assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Dentro dessa perspectiva, cabe ressaltar que a intervenção do/da professor/professora se constitui para além de transmitir conhecimento, mas a concebemos como uma prática engajada, que deve ser questionadora dos determinantes de classe, de gênero e raciais (hooks, 2017). Diante disso, ao identificarmos que o “professor” foi um dos principais artífices para a inserção no futebol das mulheres que pesquisamos, compreendemos, com mais evidência, o papel que esse/a profissional pode ter para reconceitualizar o ensino, questionar parcialidades e formas de opressão.

Não estamos aqui romantizando o/a professor/professora. Há de se destacar os limites do seu trabalho, como as condições materiais precárias às quais muitos/as são submetidos/as. No entanto, esse trabalho docente precisa ser pautado sob a perspectiva da mudança, entendendo o ato pedagógico como essencialmente político. Assim, o alicerce dessa mudança perpassa pela importância de proporcionar a todos, todas e todes, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado, transgredindo os

modelos de dominação da sociedade capitalista colonial, a qual se baseia, sobretudo, em modelos classistas, sexistas e raciais.

Como discute Freire (1996), ensinar é uma especificidade humana, que, além de exigir competência profissional, requer comprometimento e compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, e que, portanto, deve ser dialógica e tem uma natureza ideológica, sempre articulada com algum tipo de intencionalidade. Como ensina o autor, ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, mesmo diante todas as dificuldades e as desigualdades que vivenciamos cotidianamente.

Ainda sobre essa questão, outro aspecto de destaque, indicado pelas integrantes da pesquisa, foi a importância das “amigas” para a inserção na prática futebolística. Isso revela como esse espaço pode se constituir em um *locus* de sociabilidade, formação de laços, edificação de identidades e de fortalecimento das mulheres. Além disso, destacamos que essa contribuição para iniciação ao futebol foi realizada por outras mulheres, revelando o quanto que a presença feminina no futebol tem se expandido nos dias atuais.

Quando observamos que mulheres têm um papel de destaque para inserir outras mulheres em um espaço que historicamente não foi tido como seu, isso revela o protagonismo que o sexo feminino tem em alçar espaços/locais quaisquer que sejam. Isso também não significa que as mulheres não têm maiores dificuldades para se inserir, caso desejem, no futebol, mas indica que, mesmo lentamente, têm ocorrido mudanças de um paradigma essencialmente masculino no futebol e, com resistência, as mulheres têm se feito presentes nesse contexto. Embora também tenhamos observado a presença da figura masculina – pai, amigos, professor – como destaque para inserção das mulheres no futebol, é de se destacar o elevado número de jogadoras que indicaram a figura de uma mulher como a principal para a iniciação na prática futebolística.

Quando observamos a predominância de homens no futebol, a problemática das relações de gênero é convocada para explicar as desigualdades de oportunidades que as mulheres possuem com a prática. Na medida em que é parte da cultura, o gênero é cotidianamente aprendido, reiterado e negociado. Isso significa que apreendemos as normas de gênero vigentes em processos que não são “linear[es], progressivo[s] ou harmônico[s] e que também nunca está[ão] finalizado[s] ou completo[s]” (Meyer, 2003, p. 16). Assim, artefatos culturais como o lazer, o esporte e, no caso deste estudo, o futebol, ensinam-nos maneiras de sermos homens ou mulheres.

Como indicam Martins, Silva e Vasquez (2021), aprendemos e fazemos gênero influenciados/as por tempos e espaços específicos, conformando diversos modos de vivenciar as feminilidades e as masculinidades. Para esses autores e autoras, em vez de pensarmos a experiência das mulheres como única, devemos perceber também a pluralidade de formas existentes de performatizar feminilidades em relação ao contexto, às relações de poder, às masculinidades e às situações específicas.

O fato é que o futebol possui diversas “falas” que expõem uma visão de virilidade e agressividade, erroneamente atribuídas, quase que exclusivamente, ao sexo masculino. Isso não significa que meninas e mulheres não possam jogar futebol, todavia, elas são expostas a preconceitos de gênero, culturalmente construídos, os quais impõem

restrições e proibições para o futebol. Dessa maneira, a “entrada” delas nessa modalidade perpassa por resistir às tentativas de exclusão, provando que sabem jogar (Martins; Silva; Vasquez, 2021).

O fato de mulheres terem sido indicadas como as principais artífices para incentivar/inserir outras mulheres no futebol não implica dizer que esse processo foi ausente de tensionamentos, sejam eles físicos, simbólicos e preconceituosos. Por mais que saibamos que muito ainda precisa ser avançado em uma desconstrução das visões naturalistas e essencialistas das potencialidades de ser homem e ser mulher (Tiburi, 2019), compreendemos que esse dado, de mulheres trazendo outras mulheres, para um espaço esportivo historicamente considerado masculino, indica uma mudança na sociedade, com as mulheres sendo livres para ocupar os espaços sociais que lhes convêm.

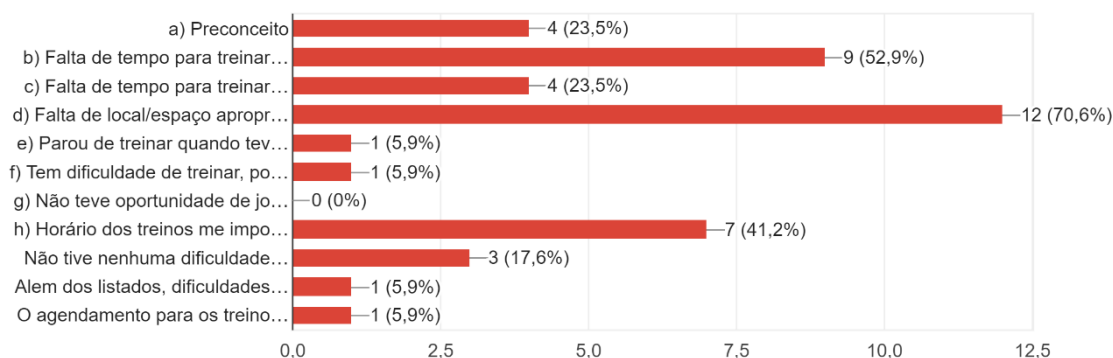
Por fim, o último eixo de perguntas visava identificar as barreiras para praticar futebol, bem como as motivações das alunas para permanecer na modalidade. A pergunta que procurava mapear as barreiras para praticar futebol ficou redigida da seguinte maneira: você enfrenta/enfrentou alguma das dificuldades listadas abaixo para jogar futebol? Nessa questão, as alunas poderiam assinalar mais de uma alternativa.

Gráfico 3: Dificuldades enfrentadas para praticar futebol

Você enfrenta/enfrentou alguma das dificuldades listadas a baixo para jogar futebol na UNIFAP?

Pode marcar mais de uma alternativa caso tenha vivenciado mais de uma dificuldade

17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

As alternativas que obtiveram maior percentual de respostas foram a “falta de local/espço apropriado para treinar” e a “falta de tempo para treinar por conta dos estudos”, alcançando 70,6% e 52,9% das respostas, respectivamente.

Como argumenta Franzini (2005), as mulheres não tiveram vida fácil quanto à compreensão da sociedade em sua participação na seara futebolística. Essa inserção sempre foi revestida de barreiras e obstáculos que se colocaram sob uma perspectiva para o seu afastamento nessa vivência. Além das questões históricas, como preconceito e proibições oficiais, a falta de espaços apropriados para elas, bem como as restrições de

tempo em função da terceira e, até mesmo, quarta jornada de trabalho (Tiburi, 2019) impõem ainda mais obstáculos para que as mulheres possam se inserir e manter-se em uma prática esportiva e do lazer.

Como ensina Tiburi (2019), o trabalho é um problema de gênero. Mesmo tendo ou não um emprego fora de casa, a maior parte das mulheres trabalhará mais do que os homens que, de um modo geral, não fazem o serviço da casa. Em outras palavras, as mulheres acumulam, muito mais do que os homens, o trabalho remunerado com o não remunerado e, sem dúvida, isso impacta negativamente nas condições das mulheres de se fazerem presentes nas práticas esportivas e do lazer, mais ainda no futebol, que carrega consigo toda uma carga de machismo e estereótipo.

Diante disso, entendemos que essas opções - “falta de local/espço apropriado para treinar”; “falta de tempo para treinar por conta dos estudos”; “falta de tempo para treinar, por conta de ter que trabalhar”; “parou de treinar quando teve filho”; “tem dificuldade de treinar, pois tem que cuidar do/da filho/filha” - indicam algumas das restrições que muitas mulheres enfrentam para acessar e permanecer em atividades de esporte e lazer. Dessa maneira, além de realizar as atividades de estudo e de trabalho profissional, a sociedade patriarcal impõe mais às mulheres do que aos homens, o cumprimento de tarefas domésticas e de cuidados com filhos/filhas.

Mesmo com avanços na participação das mulheres nas práticas esportivas e do lazer, alguns estudos (Sampaio, 2008; Goellner, 2011; Goellner *et al.*, 2010; Werle, 2013) têm apontado que as diferenças ainda são consideráveis, no que concerne ao acesso no campo esporte/lazer entre homens e mulheres. De maneira geral, esses trabalhos revelam que as relações de poder são desiguais nas apropriações do esporte/lazer, em termos de gênero, classe social, deficiência e etnia, o que expõe distintas barreiras para o enfrentamento, visando a uma democratização do acesso. No caso do gênero, as análises têm sido apresentadas no sentido de denunciar o acesso diferenciado que homens e mulheres experimentam nessa prática.

Outro aspecto a destacar nesses resultados é a categoria “preconceito”, que, embora não tenha sido a mais indicada, registrou 23,5% das respostas. Mesmo que já estejamos distantes de uma época em que as mulheres eram proibidas de jogar futebol, o preconceito de gênero ainda se faz presente em relação à prática da mulher no futebol.

São vários os estudos que apontam o preconceito de gênero em relação ao futebol. Esse preconceito se manifesta dos mais variados tipos, como discursos nos quais se concebe que mulheres não sabem jogar futebol (Goellner, 2005; Ferreira, *et al.*, 2018); questões ligadas à sexualidade e à heteronormatividade (Kessler, 2020); preconceito com mulheres ocupando diferentes funções no futebol, seja na pesquisa, na gestão esportiva, como treinadoras e colunistas (Anjos; Dantas, 2016).

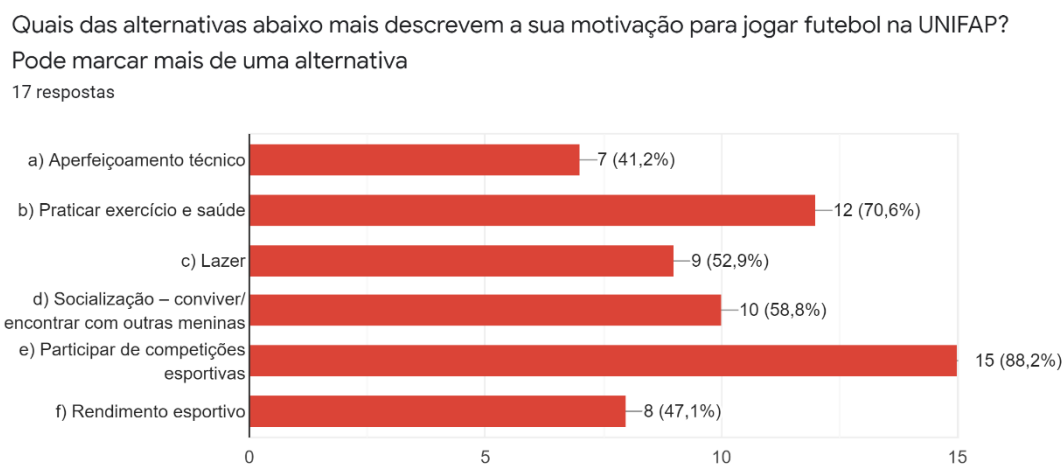
Diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não desfruta das mesmas condições de perceptividade e do mesmo reconhecimento social devido a relações de confrontos de gênero, decorrentes da inserção da mulher no espaço esportivo, certamente considerado como masculino (Ferreira *et al.*, 2018). Entendemos que está na base dessa visão a deturpada ideia de “virilidade” ressaltada pela sentença “futebol é coisa para homem”. Também acreditamos que o preconceito contra a mulher no futebol

se fundamenta no incômodo que o patriarcado tem ao perceber mulheres ocupando espaços sociais, locais estes que historicamente foram tidos como masculinos.

Salvini e Marchi Júnior (2016) desenvolveram um estudo em que analisaram relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentadas por quatro jogadoras de futebol feminino, da cidade de Curitiba/PR. Os autores identificaram que o preconceito é recorrente na fala das mulheres sobre a sua experiência no futebol. Todavia, os pesquisadores perceberam que, mesmo essas mulheres tendo relatado experiências de preconceito, isso não foi suficiente para que abandonassem a prática.

A questão seguinte, que procurou identificar os interesses das alunas para se manterem na equipe de futsal, ficou redigida da seguinte forma: quais das alternativas abaixo mais descrevem a sua motivação para jogar futebol na UNIFAP? Indicamos cinco alternativas, podendo assinalar mais de uma. Como se observa por meio do gráfico 5, as opções mais indicadas foram “participar de competições esportivas” (88,2%) e “praticar exercício e saúde” (70,6%).

Gráfico 4: Interesses para praticar futebol



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Diante disso, são diversos os estudos que também apontaram os interesses de mulheres para praticar futebol (Gonçalves, 2014; Soares *et al.*, 2010; Souza *et al.*, 2017). Como menciona Gonçalves (2014), além dos benefícios relacionados à saúde, o sentimento de pertencimento a um grupo, os benefícios estéticos, o controle do estresse, a possibilidade de competir, não apenas contra os demais, mas consigo mesmo, e o sentimento de prazer ao realizar determinada atividade, também influenciam na razão pela qual as pessoas praticam determinada atividade.

Já Soares *et al.*, (2010) verificaram que, para as atletas, a forma física foi a tendência mais elevada, seguida de diversão. Souza *et al.* (2017) constataram que as mulheres praticam o futsal por diferentes motivos, sendo que os mais mencionados foram: gostar da prática; realizar uma atividade física; divertir-se; reencontrar os amigos; aliviar o estresse e manter a saúde. Em síntese, esses trabalhos revelam que as motivações que levam as

mulheres a praticar futebol é orientada por diferentes motivos, os quais estão pautados, sobretudo, em questões físicas, psicológicas e sociais.

Portanto, os resultados indicados nesses trabalhos dialogam com as informações que obtivemos. Percebemos que os interesses das mulheres para se manter na prática do futsal na UNIFAP ocorrem pelos mais variados motivos, tais como realizar exercício físico; participar de competições; lazer; encontrar amigas. Isso nos mostra que o interesse dessas alunas é resultado de vários fatores: ao mesmo tempo que o futsal é lido por elas como um espaço de treinamento e exercício físico, estando associado à ideia de manutenção da saúde, o fato de participar da equipe também significa o estabelecimento de sociabilidade e de lazer.

A motivação que leva as mulheres a procurarem o futebol está relacionada também à exposição que este tem nos meios de comunicação. Atualmente, é possível notar que o futebol feminino alça maior destaque, sendo possível assistir à transmissão de jogos pela televisão, com várias jogadoras brasileiras alcançando destaque nacional e internacional. Dessa maneira, o aumento da exposição do futebol feminino implica crescimento da motivação e procura das mulheres por essa prática.

Um aspecto a se destacar nas motivações para praticar futebol são as categorias lazer e sociabilidade. Nessa toada, Araújo e Brito (2019) comentam sobre as relações entre futebol feminino e lazer para estudantes de uma escola pública em Belo Horizonte. Para esse autor e autora, o futebol é um elemento fundamental da nossa cultura, o qual pode ser visto como uma simples prática esportiva ou como um complexo fenômeno inserido na sociedade brasileira. Como prática cultural, é um importante elemento de (con)vivência de lazer de muitos/as brasileiros/as, seja pelo viés da “prática” e/ou como espectador/a. Assim, esse esporte se legitima na perspectiva do lazer, criando formas de sociabilidade entre seus/suas praticantes e consumidores/as.

Considerar o futebol como vivência de lazer implica reconhecer que essa vivência articula arte, linguagem, espetáculo, mercadoria, profissão, produção do conhecimento, instrumento político e educação. Diante disso, os dados nos indicam que os interesses das alunas apresentam dimensões diversas: ao mesmo tempo que essa prática é lida sob o prisma do treinamento, da competição e do cuidado com a saúde, trata-se de um espaço que congrega experiências de lazer e sociabilidade entre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos possibilitou aprofundar o entendimento sobre o futebol feminino. Diante disso, ficou claro que, historicamente, o futebol traz uma bagagem sexista e preconceituosa. Vale lembrar que, por 40 anos, as mulheres foram proibidas oficialmente de praticar esportes considerados de “natureza masculina”, dentre eles, o futebol. Por mais que atualmente se questione, a presença do sexismo ainda é encontrada no futebol, gerando o rebaixamento e a desqualificação do feminino.

Em relação ao papel da escola, como espaço de destaque para a inserção das alunas no futebol, chamou-nos atenção o fato de 35,3% das participantes desta pesquisa terem indicado o ambiente escolar como o principal local para a inserção no futebol. Mesmo que essas alunas tenham convivido com barreiras para praticá-lo, esse dado expõe a potência da escola como um ambiente possível de transformação e de garantia de oportunidades para todos, todas e todes.

Outro aspecto que salientamos nos resultados obtidos, foram os percentuais elevados para as categorias “professor” e “amigas”, as quais foram destacadas como agentes responsáveis pela aproximação das alunas com o futebol. No caso do primeiro, fica ressaltado o papel das instituições de ensino e das políticas públicas como segmentos capazes de enfrentar desigualdades.

Já em relação às “amigas”, pode ser notado que as mulheres têm tido importância para aproximar outras mulheres da seara futebolística. Essa informação ganha potência quando se trata de um contexto que é historicamente machista e patriarcal, como o futebol. Assim, mesmo enfrentando desigualdades sociais e de gênero, as mulheres não só têm praticado futebol, mas também são responsáveis por inserir outras meninas nesse contexto. Ainda que seja um processo em andamento, é possível afirmar que estamos diante uma mudança na sociedade, com as mulheres conseguindo ocupar os locais que lhes convêm.

Sobre as barreiras para jogar futebol, foram registrados obstáculos, como falta de tempo em função de trabalho, de estudo e/ou de cuidado com o/a filho/filha. Trata-se de marcas de uma sociedade desigual que revela as distorções entre homens e mulheres nos mais diferentes eixos sociais.

Por fim, as motivações para jogar futebol revelam um entrelaçamento de interesses. Se, por um lado, participar da equipe de futsal representa “praticar exercício e saúde” e “participar de competições esportivas”, por outro lado, estar integrada ao futsal também significa tecer um espaço de socialização e de lazer. Portanto, as motivações das mulheres estão assentadas em contribuições de ordem física, psicológica e social que a prática futebolística pode proporcionar.

Registramos que esta pesquisa apresenta resultados parciais e circunstanciais, os quais “falam” da realidade de um grupo de 17 mulheres que compõem uma equipe de futsal feminino universitário. Percebemos avanços em relação à inserção das mulheres nessa seara, as quais têm ocupado espaços e enfrentado barreiras. No entanto, são necessárias investigações sobre outras mulheres, em outras realidades, a fim de obter uma interpretação mais abrangente do objeto debatido.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, L. A.; DANTAS M. M. Pesquisadoras do futebol: discussões a partir de duas trajetórias. **Esporte e Sociedade**, v.11, n. 28, p. 1-28, set. 2016.
- ARAÚJO, A. S.; BRITO, C. M. D. O Futebol Feminino e as Representações dos Estudantes Sobre Gênero e Lazer em uma Instituição Escolar. **Revista Interdisciplinar Sulear**. v. 2, n. 1, p. 81-90, abr. 2019
- FERREIRA, M. J. P.; BEZERRA, J. A. X.; SILVA, K. V.; CERANI, R. B.; LOPES D. T. Preconceito no futebol feminino no brasil: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**. v. 1, n. 2, jul/dez. 2018.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra: São Paulo, 1996.
- FURQUIM, A. A.; FERREIRA, M.; MONTENEGRO, N. R.; VIEIRA, R. A. G. Mulheres no futebol: uma análise midiática pela perspectiva dos estudos culturais. **Revista Pensar a Prática**. v. 24, 2021.
- KESSELE, C. S. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45-62, set./dez. 2020.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- GOELLNER, S. V. mulheres e futebol no brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**. v. 27, jan/dez. 2021.
- GOELLNER, S. V. Políticas públicas inclusivas: educando para a equidade de gênero no esporte e no lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 17, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. p.1-12.
- GOELLNER, S. V. *et al.*, Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das cidades. **Licere**. Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-20, jun.2010.
- GONÇALVES, G. H. T. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças**: o caso das categorias até 10 anos. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**. v. 27, jan/dez. 2021.

MAFFEI, W. S.; VERARDI, C. E. L.; CARVALHO, B. J. O interesse feminino pelo Futebol na escola. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 45, p. 507-514, 2019.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L. (Ed.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 27.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 30, n. 2, p. 303-311, abr-jun. 2016.

SAMPAIO, T. M. V. Gênero e Lazer: um binômio instigante. In: MARCELLINO, N. C. (Org). **Lazer e Sociedade**: múltiplas relações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. p. 139-154.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, W. D., OLIVEIRA, I. S.; GERMANO, J. M.; CRUZ, I. R. D.; CARNEIRO, A. L. G. Motivação para o futsal em atletas participantes dos Jogos do Interior de Minas. **JIMI. Revista Digital**. v. 15, n. 148, set. 2010.

SOUZA, M. M.; AIRES, H.; GONÇALVES, G. H. T.; BALBINOTTI, C. A. A. Mulheres no futsal: motivos que levam a prática. **Kinesis**, v. 35, n. 3, p. 101-108, 2017.

SOUZA, L. C. G.; BATISTA, S. S.; PONCE, K. B.; SILVA, J. M. M. Futsal escolar: as barreiras do sexismo feminino. In: VIANA, J. A.; SILVA, E. V. A.; FIGUEIREDO, S. C. G. (orgs). **Educação Básica**: novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar. 1ª ed. Belo Horizonte: Poisson, 2020.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

WERLE, V. Políticas públicas de Esporte e Lazer na perspectiva do gênero. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 18, 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 2013. p. 1-1

A Revista Interdisciplinar Sulear declara que os(as) autores(as) são responsáveis pela revisão textual, tanto da Língua Portuguesa, das línguas estrangeiras e das normas e padronizações vigentes.

Recebido em: 28/3/24

Aprovado em: 10/9/25